

*Teoria da História e História da Historiografia
entre os cânones e a diferença*

PERSPECTIVAS CONTEMPORÂNEAS EM
ENSINO E PESQUISA

Apresentação

Se existe uma ânsia por consumir a natureza, existe também uma por consumir subjetividades — as nossas subjetividades. Então vamos vivê-las com a liberdade que formos capazes de inventar, não botar ela no mercado. Já que a natureza está sendo assaltada de uma maneira tão indefensável, vamos, pelo menos, ser capazes de manter nossas subjetividades, nossas visões, nossas poéticas sobre a existência. Definitivamente não somos iguais, e é maravilhoso saber que cada um de nós que está aqui é diferente do outro, como constelações. O fato de podermos compartilhar esse espaço, de estarmos juntos viajando não significa que somos iguais; significa exatamente que somos capazes de atrair uns aos outros pelas nossas diferenças, que deveriam guiar o nosso roteiro de vida.

Ailton Krenak (2019)

O presente dossiê teve por objetivo receber contribuições que tematizem as complexidades do ensino e da pesquisa em Teoria da História e História da Historiografia especialmente nas universidades brasileiras e no Sul Global. Em um cenário no qual se apresenta como consolidada as discussões sobre as condições de possibilidade de emergência e sedimentação do próprio campo de Teoria da História e História da Historiografia em um sentido disciplinar hegemônico, se aprofunda a necessidade de explorar outras subjetividades, afetos e formas de experimentar e narrar história que foram marginalizadas por seu caráter disruptivo. Assim sendo, compreendemos que a consolidação disciplinar do campo de investigação em Teoria da História e História da

Historiografia coexiste com a eclosão de possibilidades de articulação da historicidade não disciplinadas que favorecem a dinamização das nossas práticas de ensino e pesquisa. Partimos do entendimento de que a reprodução acrítica de discussões e autore(a)s canônico(a)s é problemática, ao mesmo tempo em que se apresenta como inescapável a interlocução entre as perspectivas e práticas de ensino e pesquisa emergentes com as lógicas que possibilitaram a conformação do campo de investigações em Teoria da História e História da Historiografia em escala global.

Nas últimas décadas, as políticas de cotas raciais e sociais têm contribuído profundamente para a democratização do acesso ao ensino superior no Brasil, o que tem provocado uma maior evidência das diversidades regionais e a intensificação de debates sobre subjetividades disruptivas, historicidades não hegemônicas, raça e performatividade de gênero. Ao mesmo tempo, o avanço das práticas de ensino e dos debates em torno das Leis 10.639/03 e 11.645/08 - sobre a obrigatoriedade curricular do ensino da história e da cultura africana, afro-brasileira e indígena - trazem à tona o desafio da incorporação de novas epistemologias que dêem conta da pluralidade de entendimentos acerca das experiências históricas, formas de produzir historiografias e seus significados. Frente a públicos diversificados em um cenário nacional com realidades regionais múltiplas e diversas, a reflexão sobre que Teoria da História e História da Historiografia ensinar e pesquisar tem se tornado cada vez mais indispensável.

De inundações a atentados terroristas no Brasil, o ano de 2024 manteve em evidência eixos de discussão que têm tomado a pauta pública do país nos últimos anos. No final de abril, temporais atingiram a Região dos Vales no Rio Grande do Sul. As bacias dos rios da região encheram e suas águas transbordaram, passando pelo Guaíba até chegar à Lagoa dos Patos. Vários municípios do estado do Rio Grande do Sul foram castigados pelas enchentes, desabrigando milhares de pessoas e animais. Em 18 de maio, a Confederação Nacional de Municípios estimou o desalojamento de 735,5 mil pessoas desalojadas ou desabrigadas, 155 mortes e 445 pessoas desaparecidas¹. A Secretaria de Meio Ambiente e Infraestrutura (SEMA/RS) estimava 20 mil animais alojados em abrigos devido às enchentes ao final do mês de maio². Pautas como políticas públicas para urbanização e assistência social, agenda climática e até mesmo xenofobia tomaram o debate nas mídias e redes sociais, em particular o monitoramento das comportas de contenção do Guaíba, que não teriam recebido manutenção adequada pelo Departamento Municipal de Águas e Esgotos (Dmae), órgão da então prefeitura de Porto Alegre. Mesmo assim, o prefeito Sebastião Melo, do MDB, foi reeleito nas eleições municipais em outubro deste ano, vencendo a candidata do Partido dos Trabalhadores, Maria do Rosário, nome histórico da esquerda no estado.

¹<https://cnm.org.br/comunicacao/noticias/novo-balanco-das-chuvas-no-rio-grande-sul-aponta-r-4-6-bilhoes-de-prejuizos-em-moradias>. Acesso em: 13 dez 2024, 14h.

²<https://www.sema.rs.gov.br/governo-lanca-o-plano-estadual-de-aco-es-de-resposta-a-fauna>. Acesso em: 13 dez 2024, 14h

Se por um lado o sul do país sofreu com inundações no primeiro semestre, no segundo semestre, a região do Amazonas sofreu um segundo ano consecutivo de estiagem severa. Em outubro, o Rio Negro atingiu o menor nível em 120 anos de medição³. Jornais registraram sessenta e um municípios do Amazonas afetados pela seca, isolando comunidades por prejuízos à navegação. O problema da seca na região norte e centro-oeste não se restringiu apenas aos rios. Segundo o MapBiomas, em 2024, o país registrou um aumento de 150% nos focos de incêndio, sendo que mais da metade da área queimada se localizou na Amazônia⁴. Logo surgiram suspeitas e acusações, inclusive por parte do Presidente da República⁵ de que teriam sido queimadas intencionais⁶, coordenadas por grupos criminosos⁷.

Em agosto, em meio às notícias sobre as primeiras Olimpíadas presenciais pós-pandemia, realizadas em Paris, a atleta Imane Khelif, boxeadora argelina e que veio a ser medalhista de ouro em sua categoria, foi vítima de fakenews começadas nas redes sociais, que a acusavam de ser uma atleta trans competindo junto a mulheres cis, o que representaria desvantagem. Políticos e influencers no Brasil não se furtaram de aproveitar para engajar a transfobia de seus seguidores em suas redes sociais⁸, sendo, porém, desmentidos pelo próprio Comitê Olímpico Internacional.

Junto à pauta ambiental e de gênero, as questões de classe tampouco deixaram de vir à tona este ano. Encabeçado pelo vereador eleito pelo PSOL/RJ, Rick Azevedo, e pela deputada federal também pelo PSOL/SP, Erika Hilton, o movimento para angariar assinaturas suficientes para protocolar a Proposta de Emenda à Constituição que visa dar fim à escala 6x1 gerou hashtags, pressões em deputados e deputadas e mobilizações de rua. Ao fim, Hilton conseguiu as 171 assinaturas necessárias para dar prosseguimento ao debate da proposta nas Comissões necessárias antes de ir à Plenário da Câmara e seguir para o Senado. Muitos aproveitaram para pontuar a ironia de serem um homem e uma mulher trans negros os principais rostos da mobilização, para desgosto dos que, mesmo dentro da própria esquerda, acusam determinados movimentos de lacradores e identitaristas.

Na agenda internacional, a eleição norte-americana retomou a discussão sobre o alcance da extrema-direita e a capacidade de mobilizar setores da classe trabalhadora para as suas pautas. O fato de a candidata do Partido Democrata ser uma mulher de descendência afro-asiática fez a discussão sobre “identitarismo” ficar em evidência, especialmente pela contraposição à pauta proposta por Donald Trump, candidato republicano, que fez vir discussões sobre imigração e aborto vir à baila. A novidade no cenário de 2024 é que a

³<https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/meio-ambiente/audio/2024-11/seca-continua-e-rios-da-amazonia-devem-registrar-baixas-records>. Acesso em 13 dez 2024, 14h.

⁴<https://brasil.mapbiomas.org/2024/10/11/area-queimada-no-brasil-entre-janeiro-e-setembro-foi-150-maior-que-no-ano-passado/>. Acesso em 13 dez 2024, 14h.

⁵<https://g1.globo.com/politica/noticia/2024/09/17/lula-diz-que-queimadas-parecem-provocacao-e-que-brasil-nao-esta-100percent-pronto-para-lidar-com-eventos-extremos.ghtml>. Acesso em 13 dez 2024, 14h.

⁶<https://oglobo.globo.com/brasil/meio-ambiente/noticia/2024/09/11/nao-e- apenas-o-clima-fogo-em-vegetacao-so- comeca-com-intencao-incendiaria-alertam-especialistas.ghtml>. Acesso em 13 dez 2024, 14h.

⁷<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2024/10/07/para-59-incendios-sao-causados-para-criar-desordem-aponta-datasenado>. Acesso em 13 dez 2024, 14h.

⁸<https://g1.globo.com/fato-ou-fake/noticia/2024/08/02/e-fake-que-boxeadora-imane-khelif-mudou-de-sexo-para-competir-nas-olimpiadas-de-paris.ghtml>. Acesso em 13 de dez, 14h

candidatura de Trump não se apresenta mais na lógica de uma atualização outsider, mas como alternativa às crises econômicas e à precarização geradas no interior do próprio neoliberalismo. O direcionamento masculinista de Trump aos homens, jovens e brancos aponta um horizonte para as direitas radicais em escala global, no sentido de investir no que entendem por “maiorias”.

A questão é que a dita polarização e o tema das diferenças têm atravessado da agenda climática a pautas trabalhistas, do cenário local ao internacional. Como se popularizam via mídias e redes sociais, esses assuntos aparecem nas salas de aulas escolares e universitárias, mobilizando estudantes e docentes. Ainda que não sejam pautas exclusivas à área de História, pois perpassam também as áreas de saúde, naturais ou as artes, por exemplo, todos são atravessados pela vontade e/ou curiosidade em se orientar, se posicionar, em compreender tantas diferenças.

Perante este desafio, em que novos referenciais teóricos e epistemológicos vêm sendo demandados, apresenta-se como premente a reflexão sobre as complexidades relativas à transmissão de autore(a)s e discussões canônicas enquanto compreendemos como incontornável a necessidade do acolhimento de novos corpos, afetos, práticas e teorias que tensionam a reprodução de formas de elaboração de conhecimento, representação e dinâmicas institucionais, cujo questionamento se intensificou nos últimos anos. Assim sendo, o presente dossiê reúne contribuições que partem da perspectiva da necessidade da tensão entre as práticas e reflexões canônicas e a emergência de novas perspectivas, levando em consideração os inevitáveis imbricamentos entre as permanências e as rupturas em um sentido epistemológico, ontológico e ético-político.

Esperamos com isso colaborar para a construção de uma agenda de debates que contribua para a formação de novos profissionais de História, além de favorecer perspectivas comparadas com as realidades do ensino e da pesquisa no campo em outros países, especialmente pelo recrudescimento de embates políticos polarizados na América Latina e demais países como Estados Unidos. A possibilidade de comparação e cruzamento em escala global se torna imprescindível uma vez que o apelo por reflexões em Teoria da História e História da Historiografia abertas à diferença se constitui também enquanto resposta ao fortalecimento destas agendas políticas de extrema direita e negacionistas em âmbito mundial.

Como proposição do Grupo de Trabalho de Teoria da História e História da Historiografia da ANPUH-Brasil, intencionamos congregar reflexões capazes de abordar experiências de ensino e pesquisa que reflitam sobre discussões canônicas como temporalidade, narrativa, existência, verdade (e até que ponto podem ser inevitáveis), ao mesmo tempo em que sofrem os impactos das discussões emergentes. Estão dentro desse escopo também contribuições que exploram as dinâmicas de negociação epistemológicas, ontológicas e ético-políticas que acontecem no âmbito dos estudos em Teoria da História e História da Historiografia frente a discussões emergentes, que abordam a de(s)colonialidade, a performatividade de gênero, subjetividades disruptivas e historicidades não hegemônicas.

A proposta do dossiê está em consonância com as abordagens teórico-metodológicas relativas às publicações e aos eventos mais recentes, a julgar pelas discussões ético-políticas que se fizeram presentes no XII Seminário Brasileiro de Teoria e História da Historiografia (SNHH), ocorrido no mês de agosto de 2024, na cidade de Ouro Preto (MG), que tomamos aqui como um parâmetro a respeito das tendências da área. Ao longo do evento, promovido pela Sociedade

Brasileira de Teoria e História da Historiografia (SBTHH) e pelo Laboratório de História, Ética e Democracia da UFOP (PLURAL), o tema “Ensinar histórias e imaginar democracias: afetos, historicidades, teorias” foi amplamente debatido, destacando-se: 1. A crescente aproximação entre a Teoria da História, a História da Historiografia e o Ensino de História; e 2. A compreensão de que a reflexão e a produção historiográfica são importantes para a formação de uma sociedade diversa, autocrítica e acolhedora dos mais diferentes sujeitos, linguagens e metodologias presentes em nossa atualidade.

O evento contou com as conferências de abertura e encerramento ministradas, respectivamente, pelo historiador e filósofo Marcelo de Mello Rangel (UFOP) e pela historiadora Karina Anhezini (UNESP). Além disso, participaram nomes como Marieta de Moraes Ferreira (UFRJ), Margarida Dias (UFRN), Marcelo Abreu (UFOP), Márcia de Almeida Gonçalves (UERJ), Carolina Pacievitch (UFRGS), Mariléa de Almeida (UNB), Sônia Meneses (URCA) e Cristina Meneguello (UNICAMP). O evento também incluiu o lançamento de livros, 12 simpósios temáticos e uma exposição de painéis de graduação. Entre os principais eixos temáticos debatidos, destacaram-se: “A história da historiografia do ensino de história; Teoria e ensino de história; O direito à história dentro e fora da escola; Ensino de história, curadoria e história pública; Políticas públicas, ensino e direito à história; Historicidades do saber histórico escolar; Materiais didáticos tradicionais e novas mídias; e O lugar dos afetos no ensino de história”.⁹ Ao final do evento, constatou-se um crescente interesse por temas que abordam sujeitos, corpos, afetos, linguagens e metodologias eticamente orientadas pelo Tempo Presente. Essas linguagens e metodologias foram discutidas e acolhidas, também neste dossiê, que inclui artigos, traduções e entrevistas. Esses trabalhos exploram desde o ensino de história em disciplinas de Teoria da História nas universidades até as críticas e os desafios de uma historiografia racializada.

No âmbito dos estudos em Teoria e História da Historiografia no Brasil, é notável o processo de especialização nas últimas décadas. Esse movimento envolve a criação da Sociedade Brasileira de Teoria e História da Historiografia (SBTHH), do evento Seminário Brasileiro de Teoria e História da Historiografia (SNHH), das revistas História da Historiografia e Revista de Teoria da História, de programas de pós-graduação com linhas dedicadas a esse campo, bem como o surgimento de inúmeros laboratórios e grupos de estudos. Esse processo de especialização foi fundamental para o aprofundamento das investigações relativas à formação da historiografia disciplinar e profissional e à sua transposição para a realidade brasileira.

Uma profusão de pesquisas abordou momentos decisivos da constituição da escrita da história em diferentes contextos, que perpassam a antiguidade, o medievo, a modernidade e a contemporaneidade, bem como autores cujas obras são consideradas canônicas no Ocidente. O aprofundamento do processo de especialização e internacionalização no âmbito das pós-graduações foi decisivo para a elaboração desses trabalhos, especialmente

⁹ XII SNHH. *Ensinar histórias, imaginar democracias: Afetos, historicidades, teorias*. Disponível em: <https://snhh.sbthh.org.br/simpósios-tematicos/>. Acesso em 01 de dezembro de 2024.

considerando a demanda pela proficiência em línguas clássicas e idiomas como inglês, francês, alemão e espanhol (Joly 2007; Santos 2015; Rezakhani; Vianna; Pinto; Bonaldo 2020; Pires 2009; Charbel 2010; Assis 2014; Martins 2015; Avelar; Bentivoglio 2019; Bentivoglio; Carvalho 2019; Carvalho 2018; Mendes 2019; Machado 2020; Silva 2021; Rocha 2021; Mata 2022; Salomon 2023).

Por sua vez, inúmeros estudos investigaram a emergência das práticas historiográficas no Império português e seus territórios na América (Kantor 2004; Silveira 2016), as produções historiográficas relacionadas ao processo de independência e sua consolidação (Araujo, 2008; Rangel 2011; Ramos 2019; Rodrigues 2014), a hegemonização de uma retórica da nacionalidade no âmbito do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro praticada por seus sócios (Guimarães 1995; Guimarães 2011; Oliveira 2011; César 2018), as particularidades das interpretações do Brasil produzidas por instituições e intelectuais ligados direta ou indiretamente aos debates realizados pela geração de 1870 (Pinha 2012; Turin 2013; Gontijo 2013; Campos 2016; Ramos 2023a; Silva 2024) e pelos ensaístas da geração de 1930 (Nicolazzi 2011; Sanchez 2022), o surgimento das universidades no Brasil e a institucionalização do ensino de História impulsionado por agendas de profissionalização ao longo do século XX (Nicodemo 2008; Nicodemo; Santos; Pereira 2018; Costa 2021; 2023). À medida que se consolidaram estudos explorando as complexidades dos processos de disciplinarização e profissionalização da historiografia brasileira sob um viés canônico, se fortaleceu as agendas de pesquisas que tematizam produções historiográficas voltadas para atender às demandas de públicos mais amplos, variados e não hegemônicos (Ramos; Araujo 2015; Rodrigues 2019, 2021; Gomes 2015; Cezar; Araujo 2018; Rodrigues & Castro 2024).

No âmbito dos estudos em Teoria e História da Historiografia, é possível identificar a importância de abordagens que, nos últimos anos, destacaram a urgência de (in)disciplinar o cânone historiográfico e acentuar uma virada ético-política anunciada por filósofos e teóricos contemporâneos (Rangel; Araujo 2015; Rangel 2019; Nicolazzi; Turin; Ávila 2019; Rodrigues; Mudrovic; Avelar, 2021). Essas abordagens evidenciam o caráter excludente da concepção de progresso histórico, representação e individualidade hegemônicas na modernidade. Atualmente, intensifica-se a demanda por problematizar o tipo de inclusão oferecida ao outro historicamente marginalizado pela modernidade/colonialidade, que, em muitas ocasiões, ocorre de forma a favorecer a domesticação em vez da disruptividade (Oliveira 2023^a; 2023^b; Mudrovic 2023; Avila 2023; Santana 2023; Ramos 2023^b; Pereira 2023; Assunção 2023).

Intensifica-se a necessidade de uma virada ético-política que problematize as permanências da colonialidade e da racialidade (Oliveira 2023; Pereira 2018; Santos 2024), do binarismo de gênero (Neto; Gomes 2018), da crise na era do Antropoceno (Turin; Lowande 2024), bem como a promoção de novas formas de produção de conhecimento, mobilizando mídias digitais que ultrapassam as limitações do analógico (Lucceshi; Silveira; Nicodemo 2020; Lucceshi; Gonçalves; Nicodemo 2024; Lucceshi; Oliveira, 2024; Kleinberg 2021). Esses desafios epistemológicos e existenciais tornam-se ainda mais relevantes diante da desconstrução da pretensa neutralidade e universalidade que sustentavam acriticamente formas hegemônicas de produção historiográfica, alinhadas aos ideais hierarquizantes do Norte Global e reproduzidas nacionalmente pela branquitude (Bento 2022; Assunção 2022; 2023; 2024).

A possibilidade de mudança encontra apoio em legislações que obrigam o ensino de história e cultura afro-brasileira e indígena nas escolas públicas e privadas, como a Lei 10.639/03, que inclui o ensino de história afro-brasileira, e a Lei 11.645/08, que acrescenta o ensino de história e culturas indígenas. Políticas de cotas sociais e raciais também têm sido decisivas para sedimentar a pesquisa e o ensino de histórias historicamente marginalizadas (Gomes; Silva; Brito 2021; Paulo de Almeida 2023). O PROFHISTÓRIA, programa de pós-graduação em ensino de história, formado por uma rede com 39 universidades de todas as regiões do país se apresenta, neste sentido, como uma potencial ferramenta de produção e difusão de histórias contra-hegemônicas e marginalizadas em relação à modernidade pretendida pelos valores universais do eurocentrismo (Martins; Araujo 2023). Ao trazer para a universidade as vozes dos professores da educação básica e valorizar as experiências do chão da escola no momento da elaboração das dissertações de mestrado e dos produtos de intervenção pedagógica (Reznik; Monteiro 2021) - e que serão também, em breve, teses de doutorado - o programa interroga o pressuposto de uma via de mão única que sugere a formação da universidade para a escola, trazendo à tona a possibilidade de uma inversão, isto é, é a história ensinada na educação básica que propõe os termos do debate construído na universidade.

Esse cenário emerge em consonância ao reconhecimento da importância do testemunho dos sobreviventes dos inúmeros crimes promovidos pelos Estados modernos, que desafiam a concepção de tempo histórico linear e evolutivo, favorecendo a perpetuação do esquecimento (Bevernage 2018; Jelin, 2017; Rousso 2016; Traverso 2011; Varvas; Caldas; Correia 2023; Selligman-Silva 2022). A virada ético-política contemporânea aprofunda-se na medida em que vozes historicamente marginalizadas reivindicam novas formas de viver, narrar e apresentar histórias. É indissociável dessa virada ético-política que corpos, vozes e afetos historicamente marginalizados procuram realizar articulações historiográficas que permitam formas de abertura do futuro que não sejam domesticadoras (Assunção; Trapp 2021; Pereira 2021; Guimarães 2022; Rangel 2021; Santana 2023; Rodrigues 2023; Ramos 2023b; Bianchi 2023; Oliveira; Hansen 2023; Pereira; Oliveira; Baldráia; Generoso; Assunção 2020; Pereira; Barbosa; Baldráia; Assunção; Rodriguez, 2023; Miranda; Assunção 2022).

Desse modo, essa virada ético-política, ao procurar reabilitar a diferença, realiza-se a partir do tensionamento dos cânones da historiografia moderna, fundada na concepção de tempo histórico linear e evolutivo, na representação enquanto specularidade do real e da standardização da consciência individual encerrada em si mesma (Derrida 1994; 2018). Essas formas de conceber o tempo histórico, a representação e a constituição de individualidades racionalistas e domesticadas se colocam na contramão da emergência de conceitos, linguagens político-historiográficas, afetos, práticas de subjetivação e experiências estéticas que foram historicamente marginalizadas.

Inevitavelmente, os desafios de explorar a produção historiográfica a partir da (in)disciplina e aprofundar uma virada ético-política passam pela radicalização de práticas transdisciplinares, por meio das quais as próprias fronteiras estabelecidas canonicamente entre as disciplinas possam ser desnaturalizadas diante da complexidade dos fenômenos históricos e tomadas como problemas a serem investigados. Está em questão a elaboração de reflexões e práticas que pressupõem o risco de habitar as fronteiras e de imaginar possibilidades para a emergência de saberes que favoreçam o aprofundamento

da vida em democracia (Carvalho; Rangel 2020; Ramos 2020; Rodrigues 2023; Domanska 2024).

Nessa direção, identificamos a urgência de aprofundar a interpenetração entre as práticas de ensino e pesquisa. Compreendemos a sala de aula como um espaço no qual as permanências da colonialidade, da racialidade e do binarismo de gênero podem ser confrontadas *in loco* e instantaneamente, especialmente em um cenário que demanda a proposição e prática de relações de ensino-aprendizagem horizontalizadas, com o comprometimento de docentes e estudantes na constituição de comunidades pedagógicas onde todos se sintam seguros para compartilhar suas experiências e saberes. O desafio da aula como texto (Mattos 2006) e a reivindicação de uma condição intelectual atribuída a professores-autores de seus currículos se atualiza diante dos novos desafios colocados no chão da escola (e da universidade), seja pelo enfrentamento às tentativas de censura, silenciamento e policiamento das práticas docentes, seja pela necessidade de conformação da sala de aula enquanto potentes comunidades de escuta (Guimarães 2021); a tensão entre alargamento e redução do horizonte democrático na cena contemporânea *em crise* apontam para a necessidade de redimensionamento da condição fronteiriça do ensino de história (Monteiro; Pena 2011; Pinha 2023). Dessa maneira, desnaturalizar as concepções de neutralidade e universalidade cultivadas no âmbito da Teoria e História da Historiografia, apesar da hegemonia e protagonismo de corpos brancos e cisgêneros, contrapondo-as à presença disruptiva de corpos, afetos e subjetividades dissidentes, é decisivo para a construção de comunidades pedagógicas genuinamente colaborativas, comprometidas com o desejo de aprender e ensinar (Hooks 2017; Guimarães 2021).

Compreendemos que a Teoria da História e a História da Historiografia em suas interfaces que abrangem ensino e pesquisa, pode favorecer a elaboração das dores provocadas pelos traumas inerentes a uma sociedade que reproduz de forma violenta e automatizada formas de exclusão racial, social e de gênero (Ramos 2023b). Especialmente no âmbito das salas de aula, é oportuno que possamos contribuir para a elaboração dos lutos relativos à perda de vulneráveis historicamente marginalizados, de forma a expandirmos a percepção de que todas as vidas merecem ser cuidadas (Butler 2019), bem como o luto das próprias gramáticas da racialidade, da colonialidade e do binarismo de gênero que se assentam na manutenção de privilégios pela branquitude que automatiza o que Lélia González chamou de “neurose cultural brasileira” (González 2020). Assim sendo, a possibilidade de mudança não pode abdicar das tensões e conflitos, como María Lugones afirma: “a transcendência só pode ser feita desde uma perspectiva da subalternidade, mas rumo a novidade de ser-sendo” (Lugones 2007, 947), tornando inescapável “a tensão entre a desumanização e a paralisia da colonialidade do ser, e a atividade criativa de ser-sendo” (Lugones 2007, 947).

Nesse sentido, partimos do entendimento que as nossas pesquisas e práticas de ensino possam contribuir com a construção de vocabulários e a articulação de afetos que impulsionem a cura mediante a subjetivação dos indivíduos, capazes de se deparar e ultrapassar as feridas e cicatrizes provocadas pela situação de subalternidade (Lugones 2007, 946). Perante essa perspectiva, torna-se impossível esquecer as dores do passado, ao passo que se enseja a construção de futuros outros a partir da fricção entre o reconhecimento dos traumas, a elaboração de lutos e a constituição de futuros outros em meio às fraturas (Ramos 2023b). A esse respeito, a experiência de bell hooks de mobilizar a teorização e a sala de aula como um espaço de cura para as feridas provocadas pelo racismo, sexismo e patriarcalismo se apresenta como incontornável:

Vivendo na infância sem ter a sensação de um lar, encontrei um refúgio na “teorização”, em entender o que estava acontecendo. Encontrei um lugar onde eu podia imaginar futuros possíveis, um lugar onde a vida podia ser diferente. Essa experiência “vívida” de pensamento crítico, de reflexão e análise se tornou um lugar onde eu trabalhava para explicar a mágoa e fazê-la ir embora. Fundamentalmente, essa experiência me ensinou que a teoria pode ser um lugar de cura (Hooks 2017, 85).

Em face a esses desafios, torna-se premente experimentar novas formas de história que não se limitem às pressuposições de controle da experiência implicadas na mobilização do “realismo ontológico” (Kleinberg 2021; Kleinberg; Ramos 2017), sendo fundamental a abertura para virtudes afetivo-epistêmicas como a “verdade poética”, da forma como proposto por Marcelo Rangel, que enseja o encontro com performatividades da diferença que nos desafiem existencialmente, inclusive acolhendo incondicionalmente a possibilidade de tensões e conflitos afinados com o compartilhamento do mundo (Rangel 2021). Um desafio que se redobra diante da proliferação de discursos de pós-verdade na cena pública contemporânea. A pós-verdade representa um comportamento epistemológico que valida a repetição do conhecido e de uma estrutura mental (re)conhecida, provocando os especialistas em história - na pesquisa e no ensino - a promover, em contrapartida, usos da história voltados para uma cultura democrática substantiva, centrada em afetos como a pluralização das vozes, a empatia com a dor do outro e o primado da diferença como valores essenciais (Pinha; Rangel 2023).

É importante ressaltar que as críticas à concepção de história moderna disciplinar e profissional hegemônica passam pela necessidade de tematizar histórias que não se limitem à centralidade do humano em um sentido antropocêntrico. Ou seja, há um interesse crescente na abordagem de temas relativos ao pós-humanismo e ao Antropoceno (Domanska 2024; Chakrabarty 2021; Turin; Lowande 2024). As teorias pós-coloniais e decoloniais, ao desvelarem o caráter especificista das concepções de história e historiografia ancoradas nos iluminismo(s) e historicismo(s), favorecem a restituição da dignidade de outras formas de existência e culturas que se constituem a partir de relações diversas entre humanos, natureza e animais, não fundadas em hierarquizações ontológicas que pressupõem a soberania da razão (Domanska 2024). Nesse sentido, destacam-se os estudos que se mostram abertos ao diálogo e à aprendizagem mediada pela interação com saberes indígenas e quilombolas. A esse respeito, é fundamental sublinhar as intervenções diretas de indígenas e quilombolas nos debates acadêmicos, evidenciando a crescente presença de nomes como Ailton Krenak (2020), Davi Kopenawa (2020) e Antônio Bispo dos Santos (2023), nas bibliografias dos cursos das áreas de Teoria e História da Historiografia.

Por fim, entendemos que essa expansão das possibilidades de ensino e pesquisa em Teoria e História da Historiografia de forma mais democrática, inclusive deslocando o antropocentrismo, é crucial para o combate ao negacionismo e à necropolítica. Especialmente diante da expansão dos negacionismos impulsionados pelo crescimento da extrema direita, torna-se evidente que tal agenda se apoia na captura de indivíduos que atribuem veracidade apenas a fatos, interpretações, valores, narrativas e experiências que não confrontem um ideal de eu objetificado, frequentemente comprometido com ideologias classistas, racistas, homofóbicas, misóginas e transfóbicas (Valim; Avelar; Bevernage 2021). Essa objetificação dos indivíduos se constituiu perante à complexas políticas da temporalidade caracterizadas pelo

aprisionamento no presente que tem sido um tema fértil de investigação no âmbito dos estudos em Teoria e História da historiografia (Araujo; Pereira 2019; Turin 2019; Hartog; Cezar; Rodrigues; Ramos 2023; Mendes; Franco Neto; Pinha 2022; Pinha 2023; Ramos; Castro 2022; Oliveira 2022).

Com efeito, a promoção de práticas de ensino e pesquisa que favoreçam à redinamização das formas de se relacionar com o tempo histórico e a subjetivação crítica dos indivíduos — como seres que habitam e compartilham o mundo com outros humanos e não-humanos diversos — é fundamental para viabilizar a vida em democracia, preservar o planeta e a própria espécie. Assim, acreditamos que a proposição e materialização deste dossiê se somam aos esforços empreendidos no âmbito dos estudos em Teoria e História da Historiografia, buscando articular às tradições historiográficas canônicas saberes e práticas historicamente marginalizados pelo Ocidente, além de novas perspectivas sobre a possibilidade de performar a diferença e enfrentar os desafios tecnológicos que tensionam os limites do analógico.

Como primeiro artigo do dossiê, temos “Cheikh Anta Diop e Raymond Mauny: Fronteiras Intelectuais e Disputa Epistêmica na Gênese dos Estudos Africanos (1940-1960)”, de José Rivaír Macedo. Nesse texto, o autor trabalha as influências, os desafios e os debates acadêmicos suscitados por Diop e Mauny, dois pesquisadores importantes para os estudos africanos de língua francesa no século XX. Como hipótese, o autor entende que, apesar das trajetórias um tanto diferentes vivenciadas por cada um deles — tendo Diop um perfil de reconhecimento acadêmico no Senegal e na França; e Mauny sendo expressivo em interpretações afrocentradas e contestatórias do cânone acadêmico —, ambos os historiadores e suas produções foram marcados pelo racismo e colonialismo vigentes em nossa contemporaneidade. Assim, no decorrer do artigo, Macedo aborda as trajetórias distintas dos historiadores, a presença da história local em suas obras, o debate acadêmico e as fronteiras intelectuais que se instauraram no percurso de suas carreiras e, por fim, seus legados e influências.

O segundo artigo do dossiê é intitulado “Jamais Fomos Decoloniais: A Crítica à História Eurocêntrica na Historiografia do Ensino de História a Partir das Apropriações e Interlocações com as Teorias Pós-Coloniais e o Pensamento Decolonial (2015-2024)”, de Thiago Granja Belieiro. Neste texto, observamos uma leitura concernente às interlocações da historiografia e do ensino de história diante das discussões e pensamentos decoloniais. Nesse sentido, o autor analisa as crescentes críticas às epistemologias europeias empreendidas nos trabalhos acadêmicos publicados nos últimos anos. A primeira parte do artigo é dedicada a este movimento crítico propriamente dito, ou seja, aos principais argumentos das teorias pós-coloniais e decoloniais em relação a essas epistemologias europeias canonizadas tanto na historiografia quanto no ensino de história. Em um segundo momento do texto, o autor analisa a crítica direcionada à história como ciência e seu consequente saber histórico escolar na historiografia do ensino de história. Por fim, realiza-se um levantamento historiográfico de artigos nos quais tais apropriações e interlocações da crítica decolonial foram empreendidas.

Como terceiro artigo do dossiê, temos “O Monstro de Frankenstein Reacionário Encarando a História: Notas sobre a Desdemocratização do Passado Contemporâneo”, de Arthur Lima de Ávila. Ao longo deste texto, o autor teoriza o que chama de pensamento “desdemocratizante” da história e do passado, especialmente no que se refere às leis “anti-teoria crítica da raça” aprovadas nos Estados Unidos e à popularização de empresas de conteúdo reacionário, como a PragerU e a Brasil Paralelo. Ao final do texto, Ávila desenvolve, no subtítulo “Teorizando a Monstruosidade”, considerações teóricas importantes sobre o conceito e os fenômenos que envolvem a chamada desdemocratização do passado.

Na sequência, temos o artigo “Teoría y epistemología de la Historia: Reflexiones sobre su enseñanza”, de Eduard Esteban Moreno Trujillo. Neste artigo, o autor reflete sobre os diferentes debates historiográficos desenvolvidos acerca do historiador e da própria disciplina. Assim, ao longo do trabalho, Trujillo questiona e analisa as relações entre o “opus operandi” e o “modus operandi”, bem como o desdobramento dessas relações no ensino de história, a partir de dois momentos correspondentes: 1. a epistemologia crítica e 2. o pensamento histórico na práxis e na imaginação. Salientamos ainda que, ao longo do artigo, o autor, com a intenção de desenvolver o argumento proposto, se debruça nas seguintes questões: Como entender a epistemologia crítica e como ela se relaciona com a práxis histórica? O que implica o ensino da teoria e epistemologia da história? E, por fim, para que serve pensar a história?

O quinto artigo do dossiê é intitulado “Das fontes às evidências: ensino de História e a disputa de narrativas sobre o passado”, escrito por Helenice Rocha. Ao longo do texto, a autora problematiza a utilização de fontes históricas no ensino de história no Brasil do tempo presente, intimamente marcado pelo recrudescimento da extrema direita e pela polarização política. Nesse sentido, Rocha utiliza suas observações e experiências em aulas de história, assim como uma entrevista com uma professora de ensino básico. No decorrer do trabalho, a autora chama a atenção para justificativas, formas, efeitos e metodologias utilizadas por professores e pesquisadores no uso de fontes e explicações históricas, mobilizando conceitos como “vontade de verdade” (Chartier 2022) e “fantasia conspiratória” (Demuru 2024). Observamos ainda que, ao final do artigo, Rocha apresenta o que seria um caminho para práticas docentes por meio de narrativas sensíveis, capazes de, nas palavras da autora, “compartilhar experiências e humanizar sujeitos cujas violências sofridas no passado têm sido insistentemente negadas ou amenizadas”.

“Teorizar o ensino para ensinar história: teoria, formação docente e ensino de história”, escrito por Erinaldo Cavalcanti, é o sexto e último artigo do dossiê. Neste texto, Cavalcanti parte de uma pesquisa desenvolvida no interior de um projeto intitulado “A história ensinada: saberes docentes, livro didático e narrativas”, no qual ele problematiza os saberes discutidos nos cursos de formação inicial para professores de história no Brasil, especialmente no que se refere às disciplinas de Teoria da História. No decorrer do trabalho, o autor analisa Projetos Pedagógicos (PPP) de 10 universidades estaduais do Brasil, com a finalidade de mapear conteúdos, reflexões e recortes teóricos estudados nessas universidades, bem como compreender o lugar do ensino de história no interior dessas disciplinas e seus respectivos currículos. Como salientado pelo autor, entendemos que essa pesquisa, que ainda se encontra no início, é importante para uma determinada compreensão dos saberes teórico-metodológicos, construções e disputas desenvolvidas pela área na atualidade.

O dossiê conta ainda com a tradução feita por Naiara Damas e Eduardo Cardoso do ensaio “História e políticas de reconhecimento”, publicado por Dipesh Chakrabarty em 2007. Nesse ensaio, Chakrabarty trabalha o conceito de “política de reconhecimento” e sua relevância na produção historiográfica contemporânea. Ao longo do texto, o autor aborda diferentes questões relacionadas à identidade, ao direito e à história de grupos sociais e politicamente subalternizados, partindo de sua posição como autor e historiador indiano.

Finalizando o nosso dossiê, contamos ainda com a entrevista “GT Teoria ANPUH entrevista Marcello Assunção: os desafios de uma Teoria da História descolonizada”, na qual conversamos com o historiador e professor da UFRGS, Marcello Assunção, sobre os desafios pertinentes à produção e ao ensino de uma Teoria da História descolonizada. Durante a entrevista, Assunção falou um pouco sobre as suas produções relacionadas aos estudos da branquitude e à consequente necessidade de se pensar as políticas do tempo do ponto de vista de negros e indígenas, bem como sobre a emergência e definição do conceito de anticolonialidade e o debate pós-colonial nas espacialidades latino-americanas e caribenhas. Enfim, foi uma conversa instigante sobre racialidade e anticolonialidade no âmbito da teoria da história e da história da historiografia hoje.

ANA PAULA SILVA SANTANA
 ANDRÉ DA SILVA RAMOS
 ARYANA COSTA
 DANIEL PINHA

REFERÊNCIAS

- ARAUJO, Valdei Lopes de. *A Experiência do Tempo: conceitos e narrativas na formação nacional brasileira (1813-1845)*. São Paulo: Hucitec, 2008.
- ARAUJO, Valdei Lopes de.; PEREIRA, Mateus Henrique. *Atualismo 1.0: Como a ideia de atualização mudou o século XXI*. 2 ed. Vitória/Mariana, MG: Editora Milfontes/SBTHH, 2019.
- ARAUJO, Valdei Lopes de; CEZAR, Temístocles. The forms of history in the nineteenth century: the regimes of autonomy in Brazilian historiography. *Historiein* 17, 1-24, 2018.
- ASSIS, Arthur Alfaix. *What is History for? Johann Gustav Droysen and the functions of historiography* New York; Oxford: Berghahn Books, 2014.
- ASSUNÇÃO, Marcello. As injustiças de Clio revisitado: Clóvis Moura e a crítica da branquitude no campo historiográfico. *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography*, Ouro Preto, v. 15, n. 38, p. 231–252, 2022.
- ASSUNÇÃO, Marcello. As políticas do tempo da branquitude. *Esboços* 30, 423-441, 2023.
- ASSUNÇÃO, Marcello. Uma “epistemologia da ignorância”? Os estudos críticos da branquitude e a crise do cânone de “intérpretes do Brasil”. *Revista de Teoria da História*, Goiânia, v. 27, n. 1, p. 171–188, 2024.
- ASSUNÇÃO, Marcello; TRAPP, Rafael P. É possível indisciplinar o cânone da história da historiografia brasileira? Pensamento afrodiaspórico e (re)escrita da história em Beatriz Nascimento e Clóvis Moura. *Revista Brasileira de História* 41, 229-252, 2021.
- AVELAR, Alexandre de Sá; BENTIVOGLIO, Julio. *O futuro da história: da crise à reconstrução de teorias e abordagens*. 1. ed. Vitória: Milfontes, 2019.

- AVILA, A. L. de. (2024). Sobre fantasmas e o paraíso (perdido) dos historiadores: breves comentários sobre espectralidade do passado e a história do presente. *Esboços: Histórias Em Contextos Globais*, 30(55), 2023, 369–383.
- BENTIVOGLIO, Julio; CARVALHO, Augusto (Org.). *Walter Benjamin testemunho e melancolia*. 1. ed. Vitória: Milfontes, 2019.
- BENTO, Maria A. S. *O pacto da branquitude*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- BEVERNAGE, Berber. *História, memória e violência de Estado: tempo e justiça*. Tradução: André Ramos; Guilherme Bianchi. Serra: Editora Milfontes; Mariana: SBTHH, 2018.
- BIANCHI, Guilherme. *Historicidades em deslocamento: temporalidade e política em mundos ameríndios*. Rio de Janeiro: Autografia, 2023.
- BUTLER, Judith. *Vida precária: os poderes do luto e da violência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- CAMPOS, Raquel. *Entre ilustres e anônimos: a concepção de história em Machado de Assis*. Chapecó, Santa Catarina: Argos, 2016.
- CARVALHO, Augusto. *História e Tradução em Walter Benjamin*. Porto Alegre: Ed. Fi, 2018.
- CASTRO, Rafael; RODRIGUES, Thamara (org.). *História pública e teoria da história*. São Paulo, Editora Letra e Voz, 2024.
- CHARBEL, Felipe. *Timoneiros: retórica, prudência e história em Maquiavel e Guicciardini*. 1ª. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.
- CEZAR, Temístocles. *Ser historiador no século XIX. O caso Varnhagen*. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.
- CEZAR, Temístocles; HARTOG, François; RAMOS, André; RODRIGUES, Thamara. Formas de repensar e experimentar a temporalização do tempo e regimes historiográficos. *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography*, Ouro Preto, v. 16, n. 41, p. 1–16, 2023.
- CHAKRABARTY, Dipesh. *The climate of history in a planetary age*. Chicago: The University of Chicago Press, 2021.
- COSTA, Aryana. A constituição da disciplina de História da Civilização da USP (1937-1942): um exercício sobre fontes para o campo da história da historiografia. In: SANTOS, Evandro *et al.* (Org.). *Ensaios de teoria da história & história da historiografia*. 1ed.Teresina: Editoria Cancioneiro, 2023, v.1, p. 85-104.
- COSTA, Aryana. Clio no espelho: um estado da arte sobre a história dos cursos superiores de História no Brasil. *História da Historiografia*, v. 14, p. 251-281, 2021.
- DERRIDA, Jacques. *Espectros de Marx. O Estado da dívida, o trabalho do luto e a nova Internacional*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
- DERRIDA, Jacques. *Força de Lei: o fundamento místico da autoridade*. 3.ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018.
- DOMANSKA, Ewa. *A história para além do humano*. Tradução Taynna Marino e Hugo Merlo. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2024, p. 29-54.
- GOMES, Angela de Castro. História de chinelo: o ensino de história através do rádio no Brasil nos anos de 1950. In: ROCHA, Helenice; GONTIJO, Rebeca; MAGALHÃES, Marcelo. *O ensino de história em questão*. Cultura história, usos do passado. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015.
- GOMES, Nilma Lino; SILVA, Paulo Vinícius Baptista da.; BRITO, José Eustáquio. Ações afirmativas de promoção da igualdade racial na educação: lutas, conquistas e desafios. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 42, p. 1-14, 2021.
- GONTIJO, Rebeca. *O velho vaqueano*. Capistrano de Abreu: memória, historiografia e escrita de si. 1. ed. Rio de Janeiro: 7Letras / Faperj, 2013.

- GONZÁLEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira [1984]. In: RIOS, Flávia e LIMA, Márcia (orgs.). *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções, diálogos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020, pp. 75-93.
- GUIMARÃES, Gessica. Disciplina e experiência: construindo uma comunidade de escuta na teoria e no ensino de história. *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography*, Ouro Preto, v. 14, n. 36, p. 373–401, 2021.
- GUIMARÃES, Gécica. *Ensaio feminista sobre o sujeito universal*. Rio de Janeiro: UERJ, 2022.
- GUIMARAES, Lucia Maria Paschoal. Debaixo da imediata proteção de Sua Majestade Imperial. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, v. 388, p. 459-613, 1995.
- GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. *Historiografia e nação no Brasil: 1838-1857*. Tradução de Paulo Knauss e Ina de Mendonça. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011. Edições Anpuh.
- HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.
- JELIN, Elizabeth. *La lucha por el pasado: cómo construimos la memoria social*. 1. ed. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2017.
- JOLY, Fabio (Org.). *História e retórica: ensaios sobre historiografia antiga*. São Paulo: Alameda, 2007.
- KANTOR, Iris. *Esquecidos & Renascidos: Historiografia acadêmica luso-americana (1724-1759)*. 1. ed. São Paulo: HUCITEC/Centro Estudos Baianos, 2004.
- KLEINBERG, Ethan. *Historicidade Espectral: Teoria da História em tempos digitais*. Tradução e apresentação por André da Silva Ramos. Vitória: Milfontes, 2021.
- KLEINBERG, Ethan; RAMOS, André da Silva. Ethan Kleinberg: Theory of History as Hauntology. *História da Historiografia*, Ouro Preto, n. 25, pp. 212-228, dez. 2017.
- KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- LUCCHESI, A.; GONÇALVES, M.; NICODEMO, T. História Digital: arquivo, memória e narrativa na Era do Big Data: Apresentação do dossiê. *Revista de Teoria da História*, Goiânia, v. 27, n. 1, p. 5–6, 2024.
- LUCCHESI, Anita; OLIVEIRA, Mônica. História digital: tecnologia e fazer historiográfico entre teoria e prática. *LOCUS (UFJF)*, v. 30, p. 3-11, 2024.
- LUCCHESI, A.; SILVEIRA, P. T. da; NICODEMO, T. L. Nunca fomos tão úteis. *Esboços: Histórias Em Contextos Globais*, 27(45), 161–169.
- LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 22(3): 320, p. 935-952, setembro-dezembro/2014.
- MARTINS, Estevão de Rezende. *A História pensada: teoria e método na historiografia europeia do Século XIX / organizador Estevão de Rezende Martins*. – 1. ed., 2ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2015.
- MARTINS, Marcus Leonardo B.; ARAUJO, Cintia M. de. Que teoria da História para que ensino de História? Uma análise a partir do ProffHistória. *Revista Maracanan*, n.32, p. 60–83, 2023.
- MACHADO, Hallhane. *Da crise na razão à razão na crise*. Goiânia: Editora UFG, 2020.
- MATA, Sérgio. *A fascinação weberiana: as origens da obra de Max Weber*. 2.ed. Porto Alegre: PUC-RS, 2022.
- NETO, Miguel R. de S.; GOMES, Aguinaldo R. *História e teoria queer*. Salvador, BA: Editora Devires, 2018.

- NICODEMO, Thiago; SANTOS, Pedro Afonso Cristovão dos; PEREIRA, Mateus. *Uma Introdução à História da Historiografia Brasileira 1870-1970*. 1. ed. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018.
- NICODEMO, Thiago Lima. *Urdidura do Vivido*. Visão do Paraíso e a obra de Sérgio Buarque de Holanda dos anos 1950. 1. ed. São Paulo: Edusp, 2008.
- NICOLAZZI, F. *Um estilo de história: a viagem, a memória, o ensaio*. Sobre Casa-Grande & Senzala e a representação do passado. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- NICOLAZZI, Fernando; TURIN, Rodrigo; ÁVILA, Arthur. *A História (in)disciplinada: teoria, ensino e difusão do conhecimento histórico*. Vitória: Editora Milfontes, 2019.
- MATTOS, Ilmar Rohloff. Mas não somente assim! Leitores, autores, aulas como texto e o ensino-aprendizagem de História. *Tempo*, v.11, n. 21, p. 5-16, 2006.
- MENDES, Breno. *A representação do passado histórico em Paul Ricoeur*. 1. ed. Porto Alegre: Editora FI, 2019.
- MENDES, B.; PINHA, D.; FRANCO NETO, M. O problema do tempo histórico e o mundo contemporâneo: Apresentação do dossiê. *Revista de Teoria da História*, Goiânia, v. 25, n. 2, p. 5–14, 2023.
- MIRANDA, Fernanda Rodrigues; ASSUNÇÃO, M. F. M. Colonialidade e silenciamento nos cânones literário e historiográfico brasileiros. *Anuario de la escuela de historia virtual*, Córdoba, v. 13, p. 202-217, 2022.
- MONTEIRO, Ana Maria. Aulas de história: questões do/no tempo presente. *Educar em Revista* [online], v. 58, p.165-182, 2015.
- MONTEIRO, Ana Maria.; PENNA, Fernando de A. Ensino de História: saberes em lugar de fronteira. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 36, n. 1, p. 191-211, jan./abr. 2011.
- MUDROVICIC, M. I. La trampa de las ‘temporalidades múltiples’: ¿se puede escribir sin cronología?. *Esboços: Histórias Em Contextos Globais*, 30(55), 2023, 358–368.
- OLIVEIRA, M. da Glória de. *Escrever vidas, narrar a história*. A biografia como problema historiográfico no Brasil oitocentista. 1a. ed. Rio de Janeiro: FGV Editora/ EDUR/ ANPUH-Rio, 2011.
- OLIVEIRA, Maria da Glória de. Espectros da colonialidade-racialidade e os tempos plurais do mesmo. *Esboços*, v. 30, p. 310-325, 2023.
- OLIVEIRA, M. da G. de. Ficar com os espectros: políticas de temporalização da história em um presente fugidio. *Esboços: Histórias Em Contextos Globais*, 30(55), 2023, 442–455.
- OLIVEIRA, M. da G. de. Quando será o decolonial? Colonialidade, reparação histórica e politização do tempo. *Caminhos Da História*, 27(2), 2022, p. 58–78.
- OLIVEIRA, Maria da G. de; HANSEN, Patrícia Santos. Corpos, tempos, lugares das historiografias. *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography*, Ouro Preto, v. 16, n. 41, p. 1–15, 2023.
- PAULO DE ALMEIDA, Helena Azevedo. A tese do Indigenato e os direitos originários a partir de João Mendes Júnior. *MOSAICO (RIO DE JANEIRO)*, v. 15, p. 454-475, 2023.
- PEREIRA, Ana Carolina Barbosa. Precisamos falar sobre o lugar epistêmico na Teoria da História. *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 10, n. 24, p. 88–114, 2018.
- PEREIRA, A.; OLIVEIRA, F.; BALDRAIA, F.; GENEROSO, L.; ASSUNÇÃO, M. Apresentação: Intelectualidades negras e a escrita da história. *Revista de Teoria da História*, Goiânia, v. 22, n. 2, p. 1–17, 2019.

- PEREIRA, A.; BARBOSA, A.; BALDRAIA, F.; ASSUNÇÃO, M.; RODRIGUEZ, M. Apresentação: Na teoria da história e da literatura há questão racial, em teoria. *Revista de Teoria da História*, Goiânia, v. 26, n. 1, p. 5–8, 2023.
- PEREIRA, Allan. Escritas insubmissas: indisciplinando a História com Hortense Spillers e Saidiya Hartman. *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography*, Ouro Preto, v. 14, n. 36, p. 481–508, 2021.
- PEREIRA, Allan. O que fazer quando apenas a inclusão não basta?: Tempos outros e novos arsenais explicativos na escrita da História. *Esboços: Histórias Em Contextos Globais*, 30(55), 2023, 415–422.
- PINHA, Daniel. *Apropriação e recusa: Machado de Assis e o debate sobre a modernidade brasileira na década de 1870*. 2012. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura do Departamento de História do Centro de Ciências Sociais da PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2012.
- PINHA, Daniel; RANGEL, Marcelo. Teoria e ensino de história: temporalidade, pós-verdade e democratização. *Revista Maracanan*, n. 32, 250–266, 2023.
- PINHA, Daniel. O tempo presente como desafio à historiografia e ao ensino de história em contexto de crise democrática. *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 15, n. 38, 2023.
- PIRES, Francisco Murari (Org.). *Antigos e modernos: diálogos sobre a (escrita da) história*. São Paulo, Alameda, 2009.
- RAMOS, André da Silva. Das aporias da spectralidade à emergência do sublime decolonial: os (des)caminhos da subjetivação e da diferença. *Esboços*, v. 30, p. 396-414, 2023b.
- RAMOS, André da Silva. *Machado de Assis e a experiência da história: melancolia, raça e assombramento*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2023a.
- RAMOS, André da Silva. *Robert Southey e a experiência da história: conceitos, linguagens, narrativas e metáforas cosmopolitas*. Vitória/Mariana: Milfontes/SBTHH, 2019.
- RAMOS, André da Silva. Sobre os desafios transdisciplinares da Teoria da História e da História da Historiografia. In: RANGEL, Marcelo; CARVALHO, Augusto. (Org.). *História & Filosofia: problemas ético-políticos*. 1ed. Vitória: Milfontes, 2020, v. 1, p. 61-71.
- RAMOS, André da Silva; ARAUJO, Valdei Lopes de. A emergência de um ponto de vista cosmopolita: a experiência da História de Portugal na Universal History. *Almanack*, v. 10, p. 479-491, 2015.
- RAMOS, André da Silva; CASTRO, Rafael Dias. Entre a inevitabilidade do trauma e a (im)possibilidade do luto: dinâmicas da historicidade em tempos de catástrofe. *Revista de Teoria da História*, v. 25, p. 236-257, 2022.
- RANGEL, Marcelo de Mello. A urgência do ético: o giro ético-político na teoria da história e na história da historiografia. *Ponta de Lança*, São Cristóvão, v. 13, n. 25, p. 27-46, jul./dez. 2019.
- RANGEL, Marcelo de M. Ensino de História: temporalidade, pós-verdade e verdade poética. *Tempo e Argumento*, Florianópolis, e0110, p. 1-27, 2021.
- RANGEL, Marcelo de Mello. *Poesia, história e economia política nos Suspiros Poéticos e Saudades e na Revista Niterói*. Os primeiros Românticos e a civilização do Império do Brasil. 2011. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura do Departamento de História do Centro de Ciências Sociais da PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2011.
- RANGEL, Marcelo; CARVALHO, Augusto (Org.). *História & Filosofia*. Problemas ético-políticos. 1ed. Vitória: Editora Milfontes, 2020.

- RANGEL, Marcelo; ARAUJO, Valdei. Apresentação - Teoria e história da historiografia: do giro linguístico ao giro ético-político. *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography*, Ouro Preto, v. 8, n. 17, p. 318-332, 2015.
- REZNIK, L.; MONTEIRO, Ana Maria . Pesquisa na formação de professores: perspectivas a partir do mestrado profissional em ensino de História/ProfHistória. In: LE REVALLEC, Carmen Teresa Gabriel; MARTINS, Marcus Leonardo Bomfim. (Org.). *Formação docente e currículo: conhecimentos, sujeitos e territórios*. 1ed.Rio de Janeiro: Mauad X, p. 103-125, 2021.
- ROCHA, Sabrina Magalhães. *Os periódicos e a crítica da história: a recepção de Lucien Febvre e Marc Bloch por seus contemporâneos (1911-1942)*. 1ª. ed. Vitória: Editora Milfontes, 2021.
- REZAKHANI, K.; VIANNA, L. J.; PINTO, O. L. V.; BONALDO, R. B. Decolonizar a historiografia medieval: Introdução à 'História da Historiografia Medieval - Novas Abordagens'. *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography*, Ouro Preto, v. 13, n. 33, p. 19-37, 2020.
- RODRIGUES, Thamara de Oliveira. *A Independência de Portugal: história, progresso e decadência na obra de Francisco Solano Constâncio*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2014.
- RODRIGUES, Thamara. *Antes do cânone: Abreu e Lima e as disputas pelo futuro e pela escrita do Brasil*. 1. ed. Rio de Janeiro: Ape?Ku, 2021.
- RODRIGUES, T. de O. Teoria da história e história da historiografia: aberturas para "histórias não-convencionais". *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography*, Ouro Preto, v. 12, n. 29, 2019.
- RODRIGUES, Thamara. Sonhos, temporalidades e universidade: experiências para o futuro. *Revista Maracanan*, Rio de Janeiro, v. 32, p. 231-249, 2023.
- RODRIGUES, Lidiane Soares; MUDROVICIC, Maria Inés; AVELAR, Alexandre de Sá. Rebelião disciplinada? Introdução à "História como (in)disciplina". *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography*, Ouro Preto, v. 14, n. 36, p. 25-44, 2021.
- ROUSSO, Henry. *A última catástrofe: a história, o presente, o contemporâneo*. Tradução: Fernando Coelho e Fabrício Coelho. Rio de Janeiro: FGV, 2016.
- SANCHES, Dalton. Sérgio Buarque de Holanda e o mal-estar da profissionalização: entre o ensaio e a diferença (1948-1959). *Revista de História*, v. 181, p. 1-30, 2022.
- SALOMON, Marlon. O labirinto ou a lógica do tempo sem sentido em Alexandre Koyré. *História da Historiografia*, v. 16, p. 1-26, 2023.
- SANTANA, Ana P. S. *A mulher na minha pele: um estudo do feminino, dos espectros e das histórias na historiografia brasileira e na literatura*. 2023. Tese (Doutorado em História). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2023.
- SANTANA, A. P. S. Maria da Glória Oliveira e Saidiya Hartman: uma leitura dos espectros, dos tempos plurais e da (não)inscrição. *Esboços: Histórias Em Contextos Globais*, 30(55), 2023, 384-395.
- SANTOS, Antônio Bispo dos. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora, 2023.
- SANTOS, Dominique. Apresentação – Dossiê: A escrita da História na Antiguidade. *Revista de Teoria da História*, Goiânia, v. 13, n. 1, p. 1-18, 2015.
- SANTOS, Silmária Reis dos. *Uma decolonialidade à brasileira: perspectivas decoloniais entre historiadores(as) no Brasil*. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2024.

- SELIGMANN-SILVA, Márcio. *A virada testemunhal e decolonial do saber histórico*. Campinas, SP, Editora da Unicamp, 2022.
- SILVA, Rodrigo Machado. *Nostalgia e História: Joaquim Nabuco e a reconfiguração do Romantismo no apagar do Oitocentos (1870-1910)*. 1. ed. Rio de Janeiro: Autografia, 2024.
- SILVA, Walkiria Oliveira. *O historiador é o protetor da Bildung: Friedrich Gundolf e a dimensão formativa da história (1890-1930)*. 1. ed. Mariana: Sociedade Brasileira de Teoria da História e História da Historiografia, 2021.
- SILVEIRA, Pedro Telles da. *O cego e o coxo: historiografia, erudição e retórica no Brasil do século XVIII*. 1. ed. São Paulo: FAP-UNIFESP, 2016.
- TURIN, Rodrigo. *Tempos precários: aceleração, historicidade e semântica neoliberal*. Rio de Janeiro: Zazie Edições, 2019.
- TURIN, Rodrigo. *Tessituras do tempo: discurso etnográfico e historicidade no Brasil oitocentista*. 1. ed. Rio de Janeiro: EdUERj, 2013.
- TURIN, Rodrigo; LOWANDE, Walter. *Antropoceno: perspectivas historiográficas*. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2024.
- VALIM, Patrícia; AVELAR, Alexandre; BEVERNAGE, Berber. Apresentação. Negacionismo: história, historiografia e perspectivas de pesquisa. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 41, n. 87, p. 13-36, 2021.
- VARGAS, Mariluci; CALDAS, Pedro; CORREIA, Silvia. (orgs.) *Testemunho e escrita da história: da Grande Guerra à pandemia da Covid-19*. São Paulo: Letra e Vozes, 2023.